

ART POÉTIQUE

I

Porrada de problemas – insolúveis,
ça va sans dire – mas o pior é que
mudam sempre de forma, como nuvens
num dia de muito vento – ou um leque
fechando e abrindo – não, a imagem é estúpida,
e não tem nada a ver com essa história;
o símile do leque foi sem dúvida
puxado pela rima – feito “glória”
com “memória” – no entanto, quem garante
que este modo de atrelar pensamentos
seja pior que outro qualquer? que o antes
não possa vir depois? que o encadeamento
tenha que obedecer a algum sistema?
(Mas isso é só o *primeiro* problema.)

II

Diário de viagem sem viagem
ou carta sem nenhum destinatário:
palavras que, no máximo, interagem
com outras palavras do dicionário.

Um escrever que é verbo intransitivo
que se conjuga numa só pessoa.
Um texto reduzido a substantivo
menos que abstrato: se nem mesmo soa,

como haveria de querer dizer
alguma coisa que valesse o vão
e duro esforço de fazer sentido?

Por outro lado, a coisa dá prazer.
Dá uma formidável sensação
(mesmo que falsa) de estar sendo ouvido.

III

Uma forma de vida se anuncia,
ainda hesitante. Mas insistente.
Põe o focinho de fora. Uma esguia
cabeça. Uma pata. Tranqüilamente,
como se não estivesse nem aí.
Agora está à vista de corpo inteiro,
arisca, peluda feito um sagüi,
rabo felpudo de angorá, e um cheiro
talvez de almíscar. O olhar é de cão,
mas a desconfiança é bem felina.
Diante dela, temos a impressão
indefinível que a gente imagina
ter diante de um grifo, ou de uma esfinge.
Só que ela existe. (Ou, pelo menos, finge.)